

DOCUMENTÁRIO

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATRAVÉS DOS TEXTOS.

(Edições críticas e comentadas).

I

A "CARTA" DE PERO VAZ DE CAMINHA.

1. A LITERATURA PORTUGUESA DE VIAGENS DA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS.

É um fato incontestável que a História de Portugal, e até a História da Civilização Ibérica, avultam na História Universal mercê dos Descobrimentos Marítimos e da Expansão dos séculos XV e XVI. Só os Descobrimentos e a Expansão puderam ter dado origem a algo de **inteiramente nôvo** na História da Humanidade que tenha provindo de Portugal.

Do primeiro quartel ao fim do século XV os portugueses levam a cabo esta série de empresas, destinadas a revolucionar tôda a História da Humanidade. Uma nova literatura surge, graças a esta extraordinária aventura humana. Literatura a que poderemos chamar — se empregarmos esta palavra num sentido bem amplo e genérico — **Literatura Portuguesa de Viagens**.

As primeiras empresas de descobrimento remontam ao primeiro quartel do século XV. As primeiras obras desta literatura surgem por meados dêste mesmo século. A consciência retarda sôbre a vida.

Para que não sejamos levados a debruçar-nos sôbre uma longa e enfadonha lista de nomes e de títulos, concentremos as nossas atenções numa amostra que nos parece suficientemente representativa, e que nos é dada por aquilo a que poderemos chamar a **Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos**, isto é, a Literatura Portuguesa de Viagens da segunda metade do século XV e primeiros anos do século XVI. Mais precisamente: a Literatura Portuguesa de Viagens que se estende de 1453, data de redação por Gomes Eanes de Zurara da **Crônica dos feitos de Guiné**, até 1508, data em que Duarte

Pacheco Pereira abandonou inacabada a redacção do seu **Esmeraldo de situ orbis**.

É a época dos Descobrimentos, é a época dos primeiros escritos que dizem respeito a êstes descobrimentos. Tôda uma nova literatura nasce então. Uma nova literatura que teve obrigatòriamente autores novos. Autores forçosamente muito diferentes dos seus predecessores. Como relatores, existiam na Idade-Média os cronistas. Na alvorada de uma nova idade, outros relatores surgem: são os autores da chamada literatura de viagens. Homens novos, vivendo num outro clima social e mental, homens com outros interêsses, e tendo uma nova escala de valores para julgar as coisas e os acontecimentos. A sua origem, o seu meio social, o seu gênero de vida, são diferentes. E com o seu gênero de vida, a sua consciência. E no entanto, observando-os de perto, verificamos que existem, mesmo entre êles, diferenças bem nítidas. A sociedade não é homogênea, e conseqüentemente a literatura também o não é, mesmo se atentarmos numa só parcela desta literatura e desta sociedade. Existem os cronistas, ainda nos moldes medievais; surgem os que descrevem terras que diretamente conheceram, ou que conheceram apenas através de relatos de outrem; surgem os que relatam os acontecimentos dia a dia, ao sabor das peripécias das viagens; surgem ainda os técnicos de navegação que escrevem os roteiros, os livros de geografia, os livros de cosmografia, os regimentos de navegação. Podem mesmo encontrar-se alguns que fazem de tudo um pouco: são ao mesmo tempo roteiristas, geógrafos, cosmógrafos, e às vèzes até também historiadores e cronistas.

Falamos de tempos em que ainda só as classes dominantes tinham o privilégio da cultura. Ler e escrever não era então apanágio de tôda a gente. E êstes homens, êstes escritores da literatura de viagens, como quaisquer outros escritores do tempo, pertenciam obrigatòriamente às classes dominantes. Alguns pertenciam à nobreza, na maior parte dos casos eram de origem burguesa, mas êstes mesmos tinham a sua vida ligada à nobreza, senão mesmo à realeza. Podem no entanto ser classificados entre os primeiros intelectuais de uma burguesia que acaba de nascer, ainda indecisa, ainda sem consciência da sua existência como classe social. Por estas épocas é sobretudo a profissão que os distingue, profissões ligadas a atividades que são outras tantas alavancas da burguesia nascente.

Se atentarmos na evolução da mentalidade revelada por estas obras da Literatura Portuguêsa de Viagens da Época dos

Descobrimientos, verificamos ser ela aparentemente muito fácil de surpreender: de Gomes Eanes de Zurara a Duarte Pacheco Pereira, que distância!... Mas façamos desde já notar que Zurara e Pacheco pertencem a dois grupos bem distintos, senão do ponto de vista social, seguramente do ponto de vista profissional. Note-se que um cronista de meados do século XV, como Gomes Eanes de Zurara, está menos longe de um homem como João de Barros que viveu quase um século mais tarde, do que de um Valentim Fernandes, de um Alvaro Velho, de um Pero Vaz de Caminha, que lhe são quase contemporâneos. A verdade é que para além de uma evolução geral, tomando em bloco tôdas as obras, é possível distinguir vários gêneros com a sua evolução específica. Basta que olhemos çara o interior de cada grupo social, e sobretudo profissional. Falta de homogeneidade na sociedade, falta de homogeneidade na literatura, mesmo se nos referirmos sômente ao caso particular da Literatura de Viagens. Chegamos assim a distinguir, para o período que se estende de meados do século XV aos primeiros anos do século XVI, — com o simplismo inerente a tôda a esquematização — quatro gêneros suficientemente definidos, a saber: **Crônicas, Descrições de terras, Diários de bordo, e Roteiros.**

Para êste período, de pouco mais de meio século, não dispomos de mais de uma dúzia de obras, exatamente treze — quantidade certamente bem escassa relativamente ao número das que na época foram redigidas. Mas, se por um lado, muitas destas obras devem ter desaparecido para sempre, por outro, algumas poderão ainda estar sepultadas no pó dos caóticos arquivos portugueses, senão mesmo no pó de alguns arquivos estrangeiros. Houve até quem construisse tôda uma teoria, chamada do **sigilo** ou do **segredo** nos Descobrimientos Portuguezes, que explicaria o desaparecimento destas obras por uma deliberada política de sonegação (1).

Seguindo uma ordem cronológica, vejamos quais foram estas primeiras treze obras da chamada Literatura Portuguesa de Viagens. A de data mais recuada é a **Crônica dos feitos de**

(1). — Ver sôbre êste assunto as seguintes obras de Jaime Cortesão: **Do sigilo nacional sôbre os descobrimientos**, in "Revista Lusitania", 1924; **Los Portugueses**, in "Historia da América", Volume III, Barcelona-Buenos Aires, 1947; **A política de sigilo nos descobrimientos**, na "Coleção Henriquina", Lisboa, 1960; **Os Descobrimientos Portuguezes**, Volume I, ps. 477 e seguintes. Ver em Duarte Leite a crítica das teses de Jaime Cortesão: **O sigilo nacional dos descobrimientos**, in "Acerca da "Crônica dos feitos de Guiné", Lisboa, 1941, ps. 191-234; ou, na **História dos Descobrimientos** (Colectânea de esparços), organização, notas e estudo final de V. Magalhães Godinho, Lisboa, 1959, Volume I, ps. 411-449.

Guiné, redigida em 1453 por Gomes Eanes de Zurara, utilizando uma crônica anterior de um Afonso Cerveira. Trata-se da única obra contemporânea do Infante D. Henrique em que se relatam os seus descobrimentos africanos (2). Depois, encontramos os roteiros anônimos do século XV, que devem remontar a data bem anterior a 1500, que correntemente agrupamos sob o título geral de **Livro de Rotear**, e que fazem parte do famoso **Manuscrito Valentim Fernandes** (3). Em terceiro lugar surge-nos um texto redigido em latim, na última quinzena

- (2). — Manuscritos: manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, Catálogo dos Manuscritos Portuguezes, n.º 41, antigo 42, descoberto em 1837 por Ferdinand Denis, na então Biblioteca Real de Paris (ver Ferdinand Denis: *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1839, Volume II, ps. 43-45); duas cópias deste manuscrito de Paris, do século XVII e do século XVIII, foram encontradas em Madrid e em Munique, em 1879, por Ernesto do Canto. Edições: *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné...*, Paris, 1841, Introdução e Notas do Visconde de Santarém e um glossário de Inácio Roquete; *Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, modernizada, com notas, glossário, e uma introdução de José de Bragança, 2 Volumes, Pôrto, 1937; *Crônica dos feitos de Guiné*, edição da Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1949. Traduções: Charles Raymond Beazley and Edgar Prestage, *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea, Written by Gomes Eannes de Azurara*, London, Hakluyt Society, 1897-1899; Léon Bourdon (avec la collaboration de Robert Ricard, E. Serra Rafols, Théodore Monod, Raymond Mauny, Guy Beaujouan), *Gomes Eanes de Zurara-Chronique de Guiné*, Dakar, 1960. Ver ainda: Joaquim Barradas de Carvalho; *As Edições e as Traduções da "Crônica dos feitos de Guiné"*, in "Revista de História", São Paulo, n.º 61, janeiro-março de 1965. Ver, como os trabalhos mais importantes sobre Zurara e esta sua Crônica: Joaquim de Carvalho; *Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste cronista)*, in "Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV", Coimbra, 1949; Alvaro Júlio da Costa Pimpão; *A "Crônica dos feitos de Guiné" e o manuscrito Cortez-D'Estrées*, Lisboa, 1939; Duarte Leite; *Acerca da "Crônica dos feitos de Guiné"*, Lisboa, 1941; Margarida Barradas de Carvalho, *L'idéologie religieuse dans la "Crônica dos feitos de Guiné" de Gomes Eanes de Zurara*, in "Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal", Tome XIX, 1956; Vitorino Magalhães Godinho; *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, 3 Volumes, Lisboa, 1943-1944-1945; A. J. Dias Dinis, *O. F. M.; Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*, Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1949.

- (3). — Manuscritos: *Codex monacensis hispanicus 27* na Bayerische Staats-Bibliothek de Munchen, descoberto em 1847 por J. A. Schmeller. Uma cópia do século XIX deste manuscrito pode ver-se na Biblioteca Nacional de Lisboa (Manuscritos Iluminados, n.º 154). Edições: *O Manuscrito Valentim Fernandes*, edição de António Baião, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940. O título completo destes roteiros, é: *Este livro he de rotear .s. de todo Portugal e de Galiza atee Sorlinga e Oexamte e das ylhas de Madeyra e dos Açores e de Guynee e começa de fallar de como jaz a Berlenga co ho cabo de Fijsterra, Ho liuro das Rotas do Castello de Sam Jorge, Aqui falla da rota do Cabo Fremoso pera ylha de Samtamtonco, Do Ryo Grãde*. Ver sobre Valentim Fernandes e estes roteiros. o *Dicionário de História de Portugal*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por José Serrão, nas rubricas Fernandes (Valentim) e Viagens (Literatura de).

do século XV, intitulado **De prima inuentione Guynce**, e redigido por Martin Behaim, ou Martinho da Boêmia, a partir de um relato oral que lhe teria feito Diogo Gomes, velho marinho e navegador do tempo do Infante D. Henrique, e mais tarde almoxarife em Sintra. Trata-se também de texto inserto no **Manuscrito Valentim Fernandes**, que acabamos de mencionar (4). Ainda do século XV, temos o **Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia**, escrito entre 1497 e 1499, por Alvaro Velho, certamente o Alvaro Velho do Barreiro de que nos fala Valentim Fernandes numa das suas descrições (5). No limiar do século XVI dois textos nos surgem e de grande importância. Dizem ambos respeito ao descobrimento do Brasil: em primeiro lugar, a célebre **Carta de Pero Vaz de Caminha**; em segundo lugar, o **Diário anônimo da viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e à Índia**, escrito em 1500, e que é conhecido sob o título moderno de **Relação do Piloto Anônimo** (6). Já em pleno século XVI, de 1502, outros dois textos aparecem. Dois Diários de bordo relatando ambos a segunda viagem de Vasco da Gama à Índia. Um deles, se bem que pouco citado

-
- (4). — Manuscritos: *Ibidem*. Edições: *Ibidem*. Traduções: Gabriel Pereira; Diogo Gomes. As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira, e Cabo Verde, in “Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa”, 17a. série, n.º 5, Lisboa, 1910; Vitorino Magalhães Godinho; Documentos sobre a Expansão Portuguesa, Volume I, Lisboa, 1943; Théodore Monod, Raymond Mauny, G. Duval, De la première découverte de la Guinée, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1959. Ver ainda, no Dicionário de História de Portugal, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por Joel Serrão, as rubricas Behaim (Martin), Gomes (Diogo), e Viagens (Literatura de).
- (5). — Manuscritos: manuscrito n.º 804 da Biblioteca Municipal do Pôrto. Edições: Diogo Kopke e Antônio da Costa Paiva; Roteiro da viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo de Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497, Pôrto, 1838; Alexandre Herculano e Antônio da Costa Paiva; Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII, Lisboa, 1861; Bragança Pereira; Doc. 1 de A missão diplomática de Vasco da Gama, in “Arquivo Português Oriental”, Tomo I, Volume I, ps. 9-83; A. Fontoura da Costa, Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499) por Alvaro Velho, Lisboa, 1940; Damião Peres, Antônio Baião, A. de Magalhães Basto, Diário da viagem de Vasco da Gama, Pôrto, 1945. Traduções: Artur Morelet; Journal du voyage de Vasco da Gama en MCCCCXCVII, Lyon, 1864; Ferdinand Denis, in “Voyageurs anciens et modernes”, de Charton, Volume III, Paris, 1885; E. G. Ravenstein, A journal of the first voyage of Vasco da Gama, 1497-1499, London, 1897; Franz Hummerich, in “Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien”, Munchen, 1898. Ver sobre Alvaro Velho e o seu Diário, o Dicionário de História de Portugal, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por Joel Serrão, nas rubricas Velho (Álvaro) e Viagens (Literatura de).
- (6). — Tanto a Carta de Pero Vaz de Caminha como a chamada Relação do Piloto Anônimo, são objecto de estudo especial nos capítulos seguintes desta obra.

pela historiografia, é de há muito conhecido. Trata-se do chamado **Diário** de Tomé Lopes, que relata a viagem dos cinco navios sob o comando de Estevão da Gama que partiram de Lisboa no dia 5 de abril de 1502 (7). Em 10 de fevereiro desse mesmo ano tinha partido de Lisboa, comandada por Vasco da Gama, a primeira parte da armada, composta de quinze embarcações. Ora é da viagem desta parte da armada de Vasco da Gama que trata outro **Diário** de bordo, anônimo, e até ao presente totalmente ignorado da historiografia portuguesa. Trata-se de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Viena de Austria que foi editado em Leipzig, em 1939, por Christine von Rohr (8). De 1505-1506, temos um **Diário** de bordo da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia, muito provavelmente redigido por um Hans Mayr de quem nada se sabe. Este **Diário** faz parte do **Manuscrito Valentim Fernandes**, e ali aparece com o título: **Do viagê de Dõ Francisco Dalmeyda viso rey de India ... trelladado da nao São Raffael é q hia Hans Mayr por scriuã da feytoria ...** — (9). Seguem-se, na ordem cronológica, três textos que além de fazerem todos êles parte do **Manuscrito Valentim Fernandes**, são da autoria do próprio Valentim Fernandes. O primeiro, intitulado **Crônica da Guiné**, é um resumo

-
- (7). — Manuscrito: desaparecido. Traduções: na coletânea de Fracanzano da Montalboddo; *Paesi nuovamente ritrovati & Nuovo Mondo da Alberico Vesputio*, Florentino intitulado, Vicenza, 1507; na coletânea de Giovambattista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi...*, Venetia, 1550 (*Navigazioni verso le Indie Orientali scritta per Thome Lopez, scriuano de una nave Portoghese, tradota in lingua toscana...*), esta coletânea foi várias vezes reeditada durante o século XVI. Tradução portuguesa: *Navegação às índias Orientais escrita em Portuguez por Thomé Lopes, Traduzida da Língua Portuguesa para a Italiana, e novamente do Italiano para o Portuguez*, in *Collecção de noticias para a história e geografia das nações ultramarinas...*, publicada pela Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1812, Tomo II (2a. edição: 1867). Ver sobre Tomé Lopes e o seu **Diário**, o **Dicionário de História de Portugal**, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por Joel Serrão, na rubrica Lopes (Tomé) e Viagens (Literatura de).
- (8). — Manuscritos: manuscrito n.º 6.948 da Biblioteca Nacional de Viena de Áustria. Edições: Christine von Rohr; in *“Neue Quellen Zur Zweiten Indien Fahrt Vasco da Gamas”*, Leipzig, 1939. Traduções: nesta mesma obra para o alemão. Ver sobre este **Diário** anônimo, o **Dicionário de História de Portugal**, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por Joel Serrão, na rubrica Lopes (Tomé) e Viagens (Literatura de).
- (9). — Manuscritos: *Codex monacensis hispanicus 27* na Bayerische Staats-Bibliothek de Munique, descoberto em 1847 por J. A. Schmeller. Uma cópia do século XIX deste manuscrito pode ver-se na Biblioteca Nacional de Lisboa (*Manuscritos Iluminados*, n.º 154). Edições: **O Manuscrito Valentim Fernandes**, edição de António Baião. Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940. Ver sobre este **Diário** e o seu presumível autor, o **Dicionário de História de Portugal**, Iniciativas Editoriais, Lisboa, dirigido por Joel Serrão, na rubrica Mayr (Hans) e Viagens (Literatura de).

por êle próprio feito em 1506 da Crônica já mencionada de Gomes Eanes de Zurara (10). O segundo, intitula-se **Descripçã de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia...**, e foi redigido em 1507 (11). O terceiro, redigido muito provavelmente também em 1507, intitula-se: **Das ylhas do mar oceano** (12). Finalmente, encontramos a célebre obra de Duarte Pacheco Pereira, o **Esmeraldo de situ orbis**, cuja redação se situa entre 1505 e 1508 (13).

- (10). — Manuscritos: Ibidem. Edições: Ibidem. Ver ainda, Joaquim Barradas de Carvalho, *A mentalidade, o tempo e os grupos sociais (Um exemplo português da época dos descobrimentos: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes)*, in "Revista de História", São Paulo, n.º 15, julho-setembro de 1953; ou, *Mentalité, Temps, Groupes Sociaux (Un exemple portugais)*, in "Annales — Economies — Sociétés — Civilisations", Paris, n.º 4, Octobre-Décembre, 1953.
- (11). — Manuscritos: Ibidem. Edições: Ibidem. Traduções: Pierre de Cenival e Théodore Monod — *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506-1507)*, Paris, 1938.
- (12). — Manuscritos: Ibidem. Edições: Ibidem. Traduções: Théodore Monod, A. Teixeira da Mota, e Raymond Mauny, *Description de la Côte Occidentale d'Afrique (Sénégal au Cap de Monte, Archipels)*, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1953.
- (13). — Manuscritos: dois manuscritos cópias do século XVIII, um na Biblioteca Pública e Municipal de Évora (Codex CXV, 1-3), e o outro nos reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa (Fundo Geral, n.º 888; antigo Codex B-17, 7). Edições: "Esmeraldo de situ orbis" por Duarte Pacheco Pereira, Edição comemorativa da descoberta da América por Christovão Colombo no seu quarto centenário sob a direcção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, Lisboa, 1892; "Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira, Edição crítica anotada por Augusto Epiphânio da Silva Dias, in "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", 1903-1904, e em volume em 1905; "Esmeraldo de situ orbis" por Duarte Pacheco Pereira, 3a. edição, Introdução e Anotações Históricas pelo Académico de Número Damião Peres, Academia Portuguesa da História, Lisboa, MCMLIV; Joaquim Barradas de Carvalho; "Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), no prelo. Traduções: "Esmeraldo de situ orbis" by Duarte Pacheco Pereira, Translated and Edited by George H. T. Kimble, M. A., Hakluyt Society, London, 1937; Raymond Mauny, *Esmeraldo de situ orbis (Côte Occidentale d'Afrique du Sud Marocain au Gabon)* par Duarte Pacheco Pereira (vers 1506-1508), Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1956. Ver ainda, de Joaquim Barradas de Carvalho, os seguintes trabalhos: *As Edições e as Traduções do "Esmeraldo de situ orbis"*, in "Revista de História", São Paulo, n.º 59, julho-setembro de 1964; *A decifração de um enigma: o título "Esmeraldo de situ orbis"*, in "Diário de Lisboa", 23 de maio de 1963; Ibidem, in "Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira", Fundação Calouste Gulbenkian, Volume IV, n.º 4, outubro-dezembro de 1963; Ibidem, in "Revista de História", São Paulo, n.º 58, abril-junho de 1964; *Esmeraldo de situ orbis*, in *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963; Duarte Pacheco Pereira, Ibidem; *Literatura de Viagens*, Ibidem; *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda*, in "Diário de Lisboa", 17 e 19 de Julho de 1961; *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira*, in "Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira", Fundação Calouste Gulbenkian, Volume II, n.º 4, Lisboa, outubro-dezembro de 1961; "Esmeraldo de situ orbis" de

Entre estas primeiras treze obras da **Literatura Portuguesa de Viagens**, contamos: uma **Crônica**, a citada **Crônica dos feitos de Guiné** de Gomes Eanes de Zurara; três **Descrições de terras**, o **De prima inuentione Guynee** redigido por Martin Behaim, ou Martinho da Boêmia, sob relato oral de Diogo Gomes, a **Descrição de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia...**, e o texto intitulado **Das ylhas do mar oceano**, ambos da autoria de Valentim Fernandes; seis **Diários de bordo**, o **Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia** de Alvaro Velho, a **Carta de Pero Vaz de Caminha**, a chamada **Relação do Piloto Anônimo**, o **Diário de Tomé Lopes**, o **Diário anônimo da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia**, e o **Diário da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia em 1505-1506**; dois **Roteiros**, o chamado **Livro de Rotear**, o mais antigo roteiro conhecido, e o **Esmeraldo de situ orbis** de Duarte Pacheco Pereira. Finalmente, a **Crônica da Guiné**, inserta no **Manuscrito Valentim Fernandes**, obra que hesitamos em classificar de maneira nítida, pois se à primeira vista a devíamos colocar entre as **Crônicas**, a verdade é que Valentim Fernandes ao resumí-la lhe deu características que a aparentam aos textos classificados entre as **Descrições de terras**. Valentim Fernandes, autor de duas **Descrições**, ao resumir e arranjar a **Crônica dos feitos de Guiné** de Gomes Eanes de Zurara, suprimiu uma grande parte dos textos que a caracterizariam como **Crônica** (14).

Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), in "Positions des Thèses de Troisième Cycle soutenues devant la Faculté en 1960 et 1961", Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris, Presses Universitaires de France, Paris, 1962; As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de situ orbis" (Breve apontamento), in "Publicaciones del Curso Hispano-Portugues de Orense", 1963; As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de situ orbis", in "Revista de História", n.ºs 62, 63, 64, 65, 66, 67 e 68, abril de 1965 a dezembro de 1966; O "Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira na História da Cultura, in "Revista de História", n.º 60, São Paulo, outubro-dezembro de 1964; L'"Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes (Contribution à l'étude des origines de la pensée moderne), em preparação.

- (14). — Ver sobre os textos mencionados: Joaquim Barradas de Carvalho; L'Histoire-riographie Portugaise Contemporaine et la Littérature de Voyages à l'Époque des Grandes Découvertes, in "Ibérica — Revista de Filologia", n.º 4, Rio de Janeiro, dezembro de 1960. — Não incluímos entre os textos que acabamos de mencionar, como aquêles que constituem a **Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos**, as **Navigazioni...** de Alvise de Ca da Mosto, redigidas entre 1456 e 1483, e muito provavelmente cêrca de 1463, cronologia que se acorda perfeitamente com a que considerámos relativamente aos restantes textos. Alvise de Ca da Mosto era um italiano, nascido e formado na Itália, que não fez mais do que uma breve estadia em Portugal, voltando logo à sua Pátria, onde redigiu, na sua língua, a sua obra. Alguns traços da meanta-

Poderemos agora, sempre nos limites inerentes a tóda a esquematização, dar algumas das características fundamentais dêstes quatro gêneros em que compartimentámos a **Literatura Portuguesa de Viagens**.

As **Crônicas** são obras em que os dados numéricos contam pouco, sendo a sua percentagem mínima; em que os erros na indicação de distâncias são às vêzes enormes, como é o caso daquela que agora nos interessa "... a dos feitos de Guiné", em que, de 62 distâncias indicadas, só 7 são calculáveis, e mesmo estas 7, com erros que vão de mais de 22 a 55%. Os erros nas datas são também freqüentes. Duarte Leite, em obra que a esta Crônica é dedicada (15), dá-nos uma larga relação das omissões, erros e contradições existentes através do seu texto. Para recordar apenas uma das contradições mais flagrantes, e a título de mero exemplo, poderemos dizer que a **Crônica dos feitos de Guiné** indica-nos com quatro datas diferentes o começo das tentativas para passar o Cabo Bojador: 1419 no Capítulo 83; 1421 no 9.º; 1422 no 8.º; e 1424 no 13.º. O detalhe e o rigor nas descrições estão substituídos pelo **mais ou menos**

lidade de Ca da Mosto o diferenciam nitidamente dos autores portugueses do tempo e ligados ao mesmo gênero de atividades (ver: Joaquim Baradas de Carvalho, *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*, in "Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal", Tome XX, 1958, especialmente ps. 10 e 34). Poderiam argumentar-nos com a inclusão na nossa relação das obras de Valentim Fernandes e Martin Behaim. Ora, tanto um como outro tiveram uma permanência em Portugal que difere profundamente da breve estadia de Ca da Mosto: ali se instalaram, ali viveram, às vêzes até ali constituíram família, ali morreram, e, como no exemplo de Valentim Fernandes, aprenderam a língua portuguesa, a ponto das suas obras terem sido escritas em português. Martin Behaim escreveu em latim, mas trata-se de texto redigido a partir de relato oral do portuguêsíssimo Diogo Gomes. — Finalmente, também não incluímos entre os textos mencionados a célebre Carta de Mestre Johan, e à primeira vista, com a agravante de se tratar de um texto que vai ser editado num dos capítulos seguintes desta obra. Qual a razão, ou as razões dêste fato? Em primeiro lugar, por se tratar de uma breve carta de apenas duas páginas. Chamamos também Carta ao texto de Pero Vaz de Caminha, mas esta "Carta" é um autêntico Diário de bordo, o que não sucede com a de Mestre Johan. Em segundo lugar, poderíamos ainda acrescentar não ser Mestre Johan português, mas sim um castelhano, que constantemente trai a sua origem ao tentar escrever português, assim como trai, embora de maneira muito menos acentuada, a sua talvez longa permanência em Portugal, ao escrever em castelhano. No primeiro caso resulta um português castelhanizado; no segundo, um castelhano aportuguesado. Não devemos confundir aquilo a que chamamos a **Literatura Portuguesa de Viagens**, com aquilo a que poderemos chamar as fontes para o estudo dos descobrimentos portugueses. Textos não portugueses farão parte destas fontes, mas não daquela literatura.

(15). — Acerca da "Crônica dos feitos de Guiné". Lisboa, 1941, ps. 133-171.

(16). Há omissões e contradições que fazem que o plano geral da obra pareça mais um **puzzle** do que um arranjo do assunto com vistas a ser compreendido pelo leitor. Há nestas obras domínio absoluto dos algarismos peninsulares ou luso-romanos, não aparecendo ainda um único algarismo árabe (17). As citações eruditas abundam, mesmo que sejam de segunda mão, como é nomeadamente o caso da **Crônica dos feitos de Guiné** em que a grande maioria delas provém de textos transcritos da **Virtuosa Benfeytura** do Infante D. Pedro e da **General Estoria** de Afonso-o-Sábio (18). Se bem que nem na **Crônica dos feitos de Guiné**, nem nos restantes livros de viagens do século XV e primeiros anos do século XVI, nos pareça vislumbrar qualquer traço de um **naturalismo animista**, tal como o definiram Alexandre Koyré (19), Robert Lenoble (20), e Lucien Febvre (21), o certo é que nesta **Crônica dos feitos de Guiné** ainda nos surge a astrologia judiciária com papel relevante: lembramos, entre mais dois ou três, o passo em que Gomes Eanes de Zurara cita os cinco motivos que moveram o Infante, e em que lhe acrescenta o sexto, para êle de todos o mais importante, e que diz respeito à conjunção dos astros. Podemos dizer, finalmente, que as **Crônicas** são **reconstituições históricas** e não testemunhos diretos. As **Crônicas** fazem parte da historiografia. São obras de homens ligados a compromissos políticos que pretendem servir. Por outro lado, um cronista palaciano não é um navegador, não vive os acontecimentos que descreve, pois o seu relato é feito sobre conversações tidas com navegadores ou sobre documentação por êle lida e interpretada.

-
- (16). — Ver: Alexandre Koyré, *Du monde de l'à peu près à l'univers de la précision*, in "Revue Critique", n.º 28, Septembre 1948, ps. 806-823, ou, in *Études d'Histoire de la Pensée Philosophique, Cahiers des Annales*, A. Colin, Paris, 1961, ps. 311-329.
- (17). — Ver; Joaquim Barradas de Carvalho, *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*, in "Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal", Tome XX, 1958.
- (18). — Ver: Joaquim de Carvalho; *Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste cronista)*, in "Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV", Coimbra, 1949.
- (19). — Ver de Alexandre Koyré: *L'apport scientifique de la Renaissance*, in "Revue de Synthèse", Janvier-Juin 1950, ps. 30-40; *Études Galiléennes — I — A l'aube de la Science Classique*, Paris, 1939.
- (20). — Ver de Robert Lenoble: *Mersenne ou la naissance du mécanisme*, Paris, 1943 (especialmente ps. 1-14 e 83-167); *Origines de la pensée scientifique moderne*, in "Histoire de la Science", publiée sous la direction de Maurice Daumas, Encyclopédie Pléiade, Paris, 1957.
- (21). — *Le problème de l'incroyance au XVIIe siècle (La religion de Rabelais)*, Paris, 1947, ps. 361-501.

As **Descrições de terras** revelam relativamente às Crônicas progressos evidentes da mentalidade quantitativa: a percentagem de indicações numéricas de toda a ordem aumenta, assim como o seu grau de precisão e de exatidão. Há nestas **Descrições** uma ausência total de citações eruditas, e de toda e qualquer alusão às ciências ocultas e à astrologia judiciária. Não se encontram traços de um caracterizado **naturalismo animista**. Estas obras são ainda, numa certa medida, **reconstituições históricas**, porque não são precisamente escritas pelos homens que viveram diretamente os acontecimentos: Diogo Gomes relata e Martin Behaim escreve, João Rodrigues relata e Valentim Fernandes escreve (22), servindo-se os seus autores também de fontes escritas, como no caso de Valentim Fernandes que nas suas **Descrições** transcreve numerosos textos das **Navigazioni** de Alvise de Ca da Mosto, do **De prima inuentione Guynee** de Diogo Gomes e Martin Behaim, e ainda da **Crônica da Guiné**, manuscrito de 1506 (23). Não são, no entanto, os autores das **Descrições**, cronistas palacianos. São homens que viajaram, que têm relações com a vida comercial do tempo, que têm, em suma, uma experiência de vida, uma situação profissional, uma origem social, totalmente diferentes da experiência, situação e origem dos cronistas palacianos.

Os **Diários de bordo** são obras em que os sinais de uma mentalidade quantitativa são ainda mais marcados; onde a precisão e a exatidão são notáveis; onde as descrições são sóbrias e precisas; onde o plano geral da obra é perfeito; onde a erudição não existe; onde os números relativos a tempo predominam, e onde vemos pela primeira vez de maneira sistemática a indicação de momentos do dia: à tarde, à noite, de manhã, ao meio-dia, etc., e mesmo, embora raramente, a indicação precisa das horas. São estas obras, como o seu próprio nome o indica, escritas dia a dia, e os seus autores são autênticos homens do mar que descrevem de maneira bem viva os acontecimentos diretamente vividos.

Finalmente, os **Roteiros**. São livros técnicos, auxiliares indispensáveis da navegação, em que os dados numéricos de toda a espécie — distâncias, latitudes, profundidades — salvo os

(22). — O Manuscrito Valentim Fernandes, edição de António Baião, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940, pág. 42 e seguintes.

(23). — As fontes de Valentim Fernandes na "Descrição de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia..."; As fontes de Valentim Fernandes n' "As yllhas do mar oceano" Trabalhos em preparação, realizados com a colaboração dos alunos do Curso de História Ibérica (1964) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

relativos a tempo, são numerosos. A precisão e a exatidão são neles condição imprescindível, pois os navegadores tinham delas absoluta necessidade. Os seus autores são além de marinheiros, técnicos de navegação.

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.